



Ser competitivos
com competências
distintivas

Remédio certo para a crise

Eugénio Viassa Monteiro

A crise evidenciou-se com os problemas financeiros e com a gestão 'tipo casino' de alguns bancos americanos, na mira de lucros fiéis e remunerações escandalosas aos dirigentes. Mesmo assim, a vertente financeira parece ser parte pequena da causa, que abafa outra mais importante, da crise: a perda da competitividade.

Países europeus embriagados na abundância investiram em betão: infraestruturas faraónicas, excesso de habitação com crédito fácil. Agora veem-se aflitos para devolver o empréstimo e pagar juros. Foi um despesismo sem critério no Sul; no Norte, há o Estado social, controlado nos gastos, e um sistema educativo disciplinador e exigente, exemplo para todos.

Populações espoliadas pelo colonialismo, a viverem na miséria, organizaram-se, aprenderam a trabalhar bem, a fabricar e vender produtos e serviços a bons preços, exportando-os para os países ricos e consumindo-os, iniciando a imparável marcha do crescimento. Nos países ricos já não compensava fazer produtos nem serviços, que mais a mais vinham de fora com qualidade e a bons preços. E ficaram desertificados de indústrias e serviços. Veja-se o

Mesmo com a banca capitalizada, só consegue vencer o empresário competitivo. Não o sendo, não vende e é certa a falência

caso IBM. Tinha 133.800 trabalhadores em 2005, nos EUA. Em 2012, apenas 94 mil; entretanto, a IBM que tinha 9 mil trabalhadores, com média-baixa especialização na Índia, em 2004, tem hoje mais de 130 mil de especialização média-alta (estimativa por baixo, pois a IBM faz segredo). Se não apostasse na Índia, o futuro seria incerto.

Mesmo com a banca capitalizada, só consegue o empresário competitivo. Não o sendo, não vende e é certa a falência. Como ser competitivo? Tanto a Europa como os EUA têm de reduzir substancialmente o custo do trabalho. É um desafio planetário, o do reajustamento das economias. Antes, 'poucos' tinham tudo; agora, os que nada tinham exigem algo, e esse tem de vir do reequilíbrio geral. Os que ganhavam muito têm de abdicar de boa parte; as reformas antecipadas para se contratar jovens a um quinto ou um terço do seu salário... são exemplo disso. E todos devem melhorar muito a sua produtividade: é a forma de sobreviver.

Competitivos em tudo? Naquilo em que temos competências distintas, ativos da tradição, condições físicas e capacitação para fazer bem e a custos baixos; e essas devem dar para exportar, criar meios para depois importar o necessário. Muita agricultura deve ser retomada com culturas de alto valor intrínseco e mais ciência incorporada. E há que regressar em força à pesca, em moldes mais científico-empresariais. Produzindo cá dentro, evitamos gastar e, assim, mais depressa equilibramos as nossas contas.

Professor da AIESE